RICARDO GUILHERME DICKE E A MARGINALIZAÇÃO DO SISTEMA LITERÁRIO TRADICIONAL BRASILEIRO*

SOARES, Luciana Rueda**

Introdução

O estudo do cânone literário no Brasil é uma atividade controversa. De um lado encontram-se os que possuem uma noção fechada de cânone e do outro, os que afirmam que a existência do cânone relega à obscuridade autores de qualidade por motivos não literários. Neste trabalho, propõe-se um debate sobre o processo da não - inclusão do autor Ricardo Guilherme Dicke no rol dos cânones literários brasileiros. A escolha de um autor como cânone a partir de duas posturas no contexto histórico: a primeira, através da observação do ambiente cultural, em que a arte é hierarquizada; a segunda, refere-se à ideologia das diferenças e, conseqüentemente, a reprodução hierárquica das classes sociais.

Isso inclui falar sobre a mulher, o negro, o escravizado, o ex-colonizado, o trabalhador explorado, enfim, personalidades historicamente excluídas dos grandes debates e decisões da sociedade e que ainda sofrem por constituir as minorias sociais e culturais. Ricardo Guilherme Dicke insere-se na segunda postura em que as personagens que integram suas narrativas refletem as inúmeras diferenças que compõem o universo dickeano, onde se destaca-se a figura do homem do sertão brasileiro, suas atitudes e seus anseios, com um enredo construído tendo como pano de fundo um cenário de sertão, violência e fé.

O cânone literário: conceito

A palavra cânone originou-se na Grécia antiga com a palavra “*kanon*”, um tipo de vara que funcionava como instrumento de verificação de medida e semanticamente refere-se a algo que designa padrão, modelo ou, ainda, norma. No século IV é o primeiro século que especifica a utilização do termo cânone, pois se trata da lista de Livros Sagrados que a Igreja determina como sendo os alicerces da fé e da verdade da palavra de Deus, primeiramente, pelos judeus com a Torah e em seguida pelos cristãos. Estas listas eram elaboradas a partir do que a Igreja considerava digno de ser canônico. Assim, formou-se o cânone bíblico, estendendo-se na história do homem universalizando a idéia de que o texto canônico é um

* O artigo apresentado aqui é fruto das pesquisas da teses de mestrado da autora Luciana Rueda Soares

** Professora de Língua Portuguesa e mestranda em Letras CPTL/UFMS, e-mail ruedasoareshotmail.com

tipo de leitura que deve ser feita e respeitada, sendo que também a que é aceita socialmente.

Observe a seguinte afirmação sobre esta questão:

O termo cânone tem origem religiosa, e não é empregado por alusão gratuita, mas porque conota a natureza sagrada atribuída a certos textos e autores, que assumem caráter paradigmático e são considerados píncaros do espírito nacional e recolhidos ao panteão de imortais. (KOTHE, 1997, p. 108)

Na Idade Média estabeleceu-se o clássico a partir da obra de Dante, em especial “A divina Comédia”. Mas, foi o Renascimento que instituiu para a sociedade o termo e o conceito de cânone aplicado à literatura, muitas vezes também chamado como “clássico” ou “obra-prima”. A palavra é derivada de *classis*, que, em latim, significa classe de escola, acredita-se que por isso dá a idéia de que é norma, uma regra que deve ser seguida.

O cânone literário é flexível e está sujeito à entrada ou saída de autores e obras, mas num contexto institucional estabelecido por uma elite intelectual dominante, se apresenta como algo firmado em nossa sociedade e mostra-se de formato inquestionável à maioria dos leitores. O cânone literário é, assim, uma relação de obras e autores socialmente considerados “universais”, transmitindo os valores éticos primordiais aos seres humanos e características estéticas ideais de um texto. Assim, estabelece-se a tradição de repassá-lo de geração em geração. No entanto, tome-se por base a seguinte afirmação e questionamento:

Originalmente, o cânone significava a escolha de livros em nossas instituições de ensino, e apesar da recente política de multiculturalismo, a verdadeira questão do Cânone continua sendo: Que tentará ler o indivíduo que ainda deseja ler mais que uma história? (BLOOM, 1995, p. 23)

Bloom levanta um questionamento importante para que se discuta a questão do cânone na atualidade, pois vivemos em uma época em que o respeito às diferentes culturas e tradições tem se tornado cada vez mais o foco das discussões, como estabelecer o que deve ser lido para que se faça uma leitura de qualidade? Destaque-se que em diferentes culturas escritas existem diferentes cânones, com validade em vários âmbitos (religioso, literário), e na nossa tradição literária ocidental temos um cânone amplo que atende às necessidades da indústria editorial, no entanto rígido na transmissão de valores ideológicos, culturais e políticos do Ocidente.

O cânone estabelecido por uma sociedade mostra-nos ainda que a literatura é um fator indispensável de humanização, pois “ desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”(CANDIDO, 1995, p. 249). Essa quota de humanidade refere-se à disposição que devemos ter, conforme moldes atuais, para aceitar as diferenças, sejam étnicas ou culturais.

Com as mudanças tecnológicas e político-econômicas ocorridas nos dois últimos séculos, há novas exigências culturais de uma sociedade globalizada. Valores e fenômenos como: consumismo, velocidade de informação, fragmentação e rompimento com a própria tradição cultural fazem com que surja um cenário para o cânone literário estabelecido até então. Essa nova situação forma novos leitores divididos por interesses imediatos, fugazes e fragmentados, tornando problemática a leitura do cânone instituído: de um lado, a defesa de obras e autores canonizados há muito tempo; de outro, a abertura a outras obras e autores contemporaneidade, que ainda não foram reconhecidos pela tradição cultural.

Como conhecer e aproveitar a leitura Machado de Assis ou Mário de Andrade, se o homem do povo está praticamente privado dessa possibilidade. Para esse homem, fica a literatura de massa, as narrativas orais, a sabedoria popular. Sabe-se que estes conhecimentos são importantes para a formação cultural e identitária do povo, mas não se pode considerá-las suficientes, pois a literatura em toda a sua abrangência proporciona-nos um diálogo cultural entre povos, sociedades, épocas e tradições.

Na atualidade, as obras e autores não-canonizados pela tradição cultural buscam um lugar ao lado dos já consagrados e legitimados. É fato que o cânone literário tem sido questionado devido à “sintomas recorrentes de desestabilização e por contínuos alarmes de crises que dizem respeito seja à indústria editorial, seja à leitura” (PETRUCCI, 1999, p. 210). Tais sintomas exerceram uma pressão sobre “as bases e as justificativas morais do que se pode definir como a ideologia da leitura do Ocidente” (Idem, p. 213). E mais, fazem desmoronar uma autoridade do cânone clássico que antes era inquestionável: até a escola enquanto instituição, que tradicionalmente é encarregada de manter e difundir o cânone literário e seus valores, hoje perde a força e influência que tinha sobre a sociedade. Assim, emerge na sociedade a resistência explícita ao cânone clássico. As culturas clamam pela modificação do cânone, tornando-o menos eurocêntrico, menos fechado e tradicional na sua seleção, abrindo-se a outras culturas e a questões da contemporaneidade.

Nesse cenário que se desdobra, a leitura que predomina é aquela que tem mera finalidade de entretenimento e lazer. A verdade é que temos assistido, neste início de século XXI, a uma negação do cânone literário em nome de uma multiculturalidade. Dessa forma, ocorre uma invasão de textos não-consagrados em detrimento dos textos já consagrados na sociedade, deixando de lado os critérios estéticos, característicos na literatura clássica e moderna.

A importância da crítica brasileira na formação do nosso cânone literário

O Brasil teve, na formação de seu povo e de sua cultura, a influência colonizadora dos europeus, demonstrando que vivíamos em um verdadeiro ilhamento cultural. A Literatura Brasileira contribuiu para que um novo homem se formasse cultural e socialmente, fez com que os indivíduos da nação brasileira, com sua língua, costumes e tradições, tivessem voz. Diante disso, a formação de nosso cânone literário serviu e serve de instrumento para que nossas palavras e nossas idéias sejam ouvidas através dos tempos em todo o mundo, como forma de divulgar e preservar nossa cultura, nossos valores e nossas tradições.

A respeito da Literatura Brasileira, Candido, em *Literatura e sociedade*, afirma que ela se consolidou no Brasil a partir do século XVIII, uma vez que foi nesta época que os “letrados brasileiros” tiveram uma “[...] tomada de consciência da jovem nação [...]” e “[...] passaram conscientemente a querer fundar ou criar uma literatura nossa [...]” (CANDIDO, 2000, p. 83). O advento do Romantismo trouxe-nos uma vasta produção literária tanto na poesia quanto na prosa. Surgiu grande soma de escritores importantes, como, entre outros, Domingos José Gonçalves de Magalhães, José de Alencar, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Martins Pena, Joaquim Manuel de Macedo, Visconde de Taunay e Manuel Antonio de Almeida, ajudando a firmar a literatura brasileira, fortalecendo-a historicamente.

Nesse período, estabeleceu-se, também, a relação entre a obra e o leitor. Eventos como cerimônias religiosas e comemorações públicas serviram para estreitar os laços. Com poemas e narrativas sendo recitadas, como na tradição oral, o público tem contato direto com o que os autores produziam, estabelecendo-se, assim, uma ligação de intimidade que se tornará mais forte com o passar dos anos. Aos poucos, cada vez mais circulavam na sociedade brasileira livros impressos, permitindo o acesso do público à obra, e, conseqüentemente, consolida-se o vínculo com o escritor. Com isso, aparecem idéias diferentes sobre o que se ler e despontam vários grupos para discutir literatura no Brasil. Eis que nasce a crítica literária brasileira. A necessidade de se descrever, interpretar, avaliar, apreciar e julgar uma obra literária fez com que surgisse uma crítica no Brasil capaz de ressaltar aspectos próprios da literatura brasileira não mais pautados nos parâmetros dos padrões europeus, seguidos até então.

O Romantismo não tinha um aspecto uniforme, como nos mostram os manuais didáticos para o ensino da literatura canônica nas escolas, mas sim uma gama de diferentes opiniões sobre os textos literários produzidos durante sob influência de suas idéias diferentes abordagens sendo feitas sobre os mesmos temas. Era nesse momento que a ebulição das novas idéias impulsionava a produção literária brasileira. Entre os diversos grupos que se

manifestaram, destacamos: fluminense: presença de Gonçalves e Varnhagem, apresentando idéias passadistas e ecléticas; o paulista: Justiniano José da Rocha e Antonio Augusto Queiroga, defendiam teses americanistas; o maranhense: João Francisco Lisboa e Sotero dos Reis personalidades que representantes de filosofias liberais no espírito e ilustradas na cultura e o pernambucano: de Abreu e Lima e Pedro Figueiredo discutindo a luta ideológica e o progressismo liberal romântico.

Com o disseminar do ideário liberal, surge, aos poucos, o Realismo (segunda metade do século XIX). As idéias filosóficas de Hegel, Engels e Marx, com vertentes socialistas, eram disseminadas por meio dos textos literários. A crítica literária brasileira volta-se, mediante pesquisas, para delinear o que se tem de melhor na literatura construída na época. É o caso, por exemplo, de Silvio Romero, que enfatizou a cultura e ao folclore do povo brasileiro, Araripe Jr, que expôs em quais aspectos artísticos a literatura devia caminhar, e José Veríssimo, que valorizou o estilo elegante e os enredos bem construídos nas narrativas. Outros ainda combatiam as idéias correntes do Romantismo sobre o nacionalismo, ressaltando a figura do homem tropical com características como a indolência e exaltação imprópria, maculando assim a imagem do homem brasileiro. Também o evolucionismo de Darwin começa a ser divulgado aqui.

Os simbolistas marcaram presença na literatura mundial por ter uma verdadeira paixão pelo senso estético entre o final do século XIX e início do século XX. Através de sua estética e idéias tentavam unir a parte com o todo universal, dando sentido ao belo, ao bem e ao sagrado. No Brasil, tivemos o maior representante deste movimento: Cruz e Souza. Segundo Bosi (1986, p. 332), “[...] a crítica oficial dos fins do século XIX, representada pela tríade Sílvio Romero-José Veríssimo-Araripe Jr., foi em geral, hostil aos simbolistas [...]”, talvez porque o simbolismo brasileiro tentava resgatar valores espirituais e religiosos. A busca pelos mistérios que o ocultismo faz era uma das formas que os simbolistas tinham de manifestar suas ideologias. Este, também, veio como forma, segundo críticos da época, de resgatar a estética, a forma perdida da poesia. A plástica do texto, a estrutura, era enfatizada a todo o momento, retornando à forma de compor clássica como tentativa de revitalizar esta forma de expressão literária.

Muito próximo, cronologicamente falando, temos o Pré-modernismo, na narrativa, como forma de tentativa de retornar à produção de grandes textos literários brasileiros. Nomes como Lima Barreto, Graça Aranha, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, segundo Bosi (1986, p. 346, grifos no original), têm “[...] o papel histórico de mover as águas estagnadas da *belle époque*, revelando antes dos modernistas, as tensões que sofria a vida nacional [...]”.

Em 1922, ocorre um evento que causa a verdadeira ruptura na arte brasileira: a Semana de Arte Moderna, vista como divisora de águas no cenário literário brasileiro. Neste período, há experimentos ocorrendo em muitos campos da arte, não só na literatura. Pela primeira vez nossos artistas experimentam estruturas e linguagens diferentes como forma de expressão. Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Raul Bopp, Guilherme de Almeida, Alcântara Machado, Menotti del Picchia, Paulo Prado, Sérgio Melliet, entre outros, fizeram com que a ruptura das antigas tradições literárias de nosso país nunca mais fossem vistas sob a mesma ótica. A partir daqui, a arte brasileira, em especial a literatura, deixará de seguir as tendências estrangeiras. A literatura, no Brasil, passa a ter a “função humanizadora”, conforme afirma Candido (1972, p. 806). Na literatura mundial, este conceito, a que se refere Candido, já era reconhecido como essencial para entender a importância dos textos literários na formação da sociedade que surgia. A partir daqui, os problemas sociais, a forma de falar e de agir e as reflexões mais íntimas da Literatura Brasileira não serão mais relegadas a um segundo plano. Finalmente, estamos libertos dos padrões europeus do estigma de povo colonizado.

O termo contemporâneo surge, depois de 30, devido a novas realidades econômicas, sociais, culturais que se instituem nessa nova realidade quer se apresenta depois do modernismo e de suas novas formas de expressão. Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade elaboram uma obra amadurecida; Astrojildo Pereira, Lúcio Cardoso, Jorge Amado entre outros expressavam em seus textos uma vontade de ver um Brasil mais amadurecido. Os escritores primavam por produzir textos com estéticas que surpreendessem e mostrassem que a ruptura de 1922 não havia sido em vão. Alceu Amoroso Lima, sob o pseudônimo de Tristão de Athayde, era um leitor de amplos horizontes que soube definir as tendências irracionalistas e analisar à luz da ética e da ideologia os textos produzidos e, posteriormente, canonizados em sua época. Na contemporaneidade, há quatro idéias fundamentais que tanto críticos como escritores seguem para caracterizar uma obra como canônica, são elas: as idéias de Darwin, o marxismo, a psicanálise e a teoria da relatividade. Estas são a base para maioria das ideologias e filosofias que influenciam os escritores brasileiros até a atualidade e formaram o cânone literário brasileiro atual.

A ausência de Ricardo Guilherme Dicke no cânone contemporâneo brasileiro

A literatura contemporânea brasileira apresenta-nos em seu cânone dois tipos de romance: social-regional e romance psicológico. O primeiro foi influenciado pelas discussões sobre as formas de se combater as diferenças sociais; o segundo pautado nas reflexões provocadas pela primeira grande guerra e pela eminência da segunda. E é em meio a essas

concepções e reflexões que Ricardo Guilherme Dicke surgiu, foi educado e vivenciou os problemas da região onde viveu.

Filho de João Henrique Dicke, de nacionalidade alemã que fugira da Segunda Guerra para o Paraguai, com Carolina Ferreira do Nascimento Dicke, o escritor nasceu em uma vila chamada de Raizama, localizada na Chapada dos Guimarães, no Estado de Mato Grosso, em 16 de outubro de 1936. Pouco se conhece sobre a infância e a adolescência do escritor, apenas que cresceu cercado pelo ronco dos aviões, caminhões e pelas idas e vindas que o processo migratório trouxe à região no início do século XX. Muitas informações perderam-se no tempo ou simplesmente foram deixadas de lado por aqueles que só o conheceram anos depois, quando já estava inserido nos círculos de cultura mais privilegiados de São Paulo e do Rio de Janeiro. O resto perdeu-se nas memórias dos que conviveram com ele e no seio de sua família formada por homens do garimpo, homens que perseguiram o sonho da riqueza em Caxipó do Ouro.

Ricardo Guilherme Dicke surgiu no meio literário, em 1968, já no Rio de Janeiro, quando recebeu o Prêmio Walmap¹, embora tenha ficado em quarto lugar no concurso, com o livro *Deus de Caim*, publicado, em 1968, pela Editora Edinova. Na banca de jurados, estavam presentes nada menos do que João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Antônio Olinto. Isso conferiu ao escritor mato-grossense a responsabilidade de produzir textos de grande valor literário que foi reconhecido publicamente através das premiações que recebeu ao longo de sua história como escritor. Observe-se a relação abaixo, das obras publicadas por Dicke e suas premiações:

- *Deus de Caim* (1968) – Romance – 4º lugar no Prêmio Walmap;
- *Como o silêncio* (1968) – Romance – 2º lugar no Prêmio Clube do Livro;
- *Caieira* (1978) – Romance – Prêmio Remington de Prosa em 1977;
- *Madona dos Páramos* (1982) – Romance – Prêmio Nacional da Fundação Cultural do Distrito Federal em 1981;
- *Último horizonte* (1988) – Romance;
- *A chave do abismo* (1989) – Romance;
- *Cerimônias do esquecimento* (1995) – Romance – Prêmio da Academia Brasileira de Letras;

¹ O Prêmio Walmap foi criado em 1964, pelo banqueiro José Luiz de Magalhães Lins e pelo escritor Antonio Olinto, para incentivar a divulgação de obras literárias. Na época, era considerado o mais importante do Brasil.

- *Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão* (1999) – Dissertação do Mestrado em Filosofia na UFRJ;
- *Rio abaixo dos vaqueiros* (2000) – Romance;
- *O salário dos poetas* (2001) – Romance;
- *Toada do esquecido & Sinfonia Eqüestre* (2006) – Conto;

Observe-se que houve um reconhecimento de valor cultural e estético em sua obra, no entanto o escritor não foi agraciado com seu nome na lista dos cânones de nossa literatura. Não é para menos que, em nosso país, poucos o conhecem, sendo que a instituição escola que seria a responsável por divulgar seus escritos ainda não fez seu papel de divulgadora oficial de seus textos.

As obras literárias de Dicke: um legado para Mato Grosso e para o mundo.

Magalhães (2001, p. 205) refere-se aos textos de Dicke da seguinte forma: “Em seus textos, céu e inferno se confundem, fazendo emergir um perturbado país transgressor para eleger o monstruoso como forma de vida”. Este aspecto filosófico sobre a forma de narrar do escritor faz com que nos voltemos para os problemas enfrentados pelas personagens de seus livros, que, geralmente, se encontram em situações conflitantes entre o que é real e o que é imaginário. Certa áurea de mistério as envolve como envolve a própria vida do escritor.

As personagens dickeanas fazem parte de dois universos distintos ocupando o mesmo espaço, mas se referem a um tempo em que presente/passado/futuro fundem-se e se completam. Magalhães (2001, p. 208), afirma que as personagens criadas por Dicke são “[...] sobreviventes do Sistema ou de si próprios, transitam entre o divino e o selvagem, o real e o surreal, sufocados pelo peso da existência”. O “Sistema”, citado por Hilda Magalhães, pode muito bem ser entendido como aquele imposto ao povo do sertão pelo poder agrário, em que os latifundiários dominam os trabalhadores, subjagam as mulheres aos seus desejos e coagem as crianças. No final, todos são oprimidos pela violência.

Ainda temos a questão do misticismo presente na obra de Dicke. Herança da migração de diferentes povos, de várias regiões para o sertão, culturas de diferentes tradições se misturam, o sagrado e o profano num fluxo contínuo, ficando assim a povoar o imaginário de personagens que representam gente simples com seus sonhos, indagações e lutas.

A linguagem utilizada nos livros de Dicke é densa, forte, quase agressiva. Impõe-se ao leitor, fazendo com que não consiga se dispersar enquanto lê. Tomemos como exemplo

o fragmento de *Toada do esquecido & Sinfonia Equiestre*²: “[...] Os desertos cansam. E a fadiga de viver nos desertos tem o valor das adorações sagradas a Deus, aos santos e aos anjos e arcanjos.” (DICKE, 2006, p. 137)

Talvez seja pelos temas turbulentos que permeiam a obra de Ricardo Guilherme Dicke, são poucos os que se aventuram a analisar seus livros. Percebemos, ao consultar o banco de teses financiadas pela CAPES, que a maioria das pesquisas acadêmicas que utiliza as produções literárias de Dicke como objeto de estudo volta-se para os enfoques sociológicos presentes nas narrativas do escritor, como, por exemplo, os trabalhos Gilvone Furtado de Miguel, com *O entre - lugar de oposições do sertão: um estudo do romance Madona de Páramos* (2001) e *O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke* (2007), Juliano Moreira Kersul de Carvalho, com *Do sertão ao litoral: A trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro Deus de Caim na década de 60* (2005), Wanda Cecília Correia de Mello, com *De autores e autoria: um recorte acerca da construção do campo literário em Mato Grosso* (2006) e Everton Almeida Barbosa, com *A transculturação na narrativa de Ricardo Guilherme Dicke* (2006).

O escritor, além da grande contribuição literária que fez ao estado de Mato Grosso, ainda emprestou seu nome, conforme reportagem de Rafaela Maximiano (2008), à nova biblioteca da cidade de Várzea Grande/MT, que é um local de grande fluxo de crianças que estão desenvolvendo o prazer pela leitura de obras literárias e pela arte em geral. Pintou, também, mais de 30 telas, mostrando os seus trabalhos em exposições em Cuiabá e no Rio de Janeiro.

A crítica e a obra dickeana

Sabrina Gahyva (2006), do jornal virtual *Top Cuiabá*, no dia 10 de novembro de 2006, citou Glauber Rocha, que afirmou que o escritor mato-grossense “É o maior escritor vivo do Brasil, ninguém vê, ninguém conhece!”, para iniciar suas considerações sobre Ricardo Guilherme Dicke.

O intuito de Gahyva ao iniciar o seu artigo partindo da assertiva de Glauber Rocha é indagar a razão que leva Dicke ser considerado como um dos grandes nomes do cenário literário brasileiro por alguns, por exemplo, Nélide Pinõn e Hilda Hilst³, e ser tão pouco

² Esta obra foi objeto de uma resenha feita por Santos (2006).

³ Afirmação presente no texto O “filósofo” da Chapada – Aos 70 anos, Guilherme Dicke lança seu novo romance. Publicado em 12 nov. 2006. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/12_11_06/estilopag0701.html>. Acesso: 14 mai. 2009.

citado pelos críticos. Quase um ano após sua morte, temos, por vezes, a impressão de estarmos diante de uma novidade literária.

Dicke destacou-se como escritor e artista plástico. Exerceu a função de jornalista, revisor de textos e de tradutor no Rio de Janeiro. Após algum tempo, optou por sair do eixo Rio - São Paulo, recolhendo-se no interior. A formação filosófica do autor justifica a atitude de ostracismo que alguns lhe atribuem, bem como a sua fuga da metrópole. Atitude esta compreensível, já que, segundo Candido (2000, p. 127), “Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura manifestando-se de modo diferente nos diferentes Estados”. E, provavelmente, foi para fortalecer essa manifestação literária que Dicke fez essa migração às suas origens, aparentemente, não se importando por seu nome não constar na lista dos eleitos para o cânone nacional.

Os textos do ficcionista mato-grossense sempre refletem o problema do homem sertanejo, suas lutas diárias pela sobrevivência, seus anseios de perpetuar-se e não mais fazer parte dos excluídos da sociedade. Afinal, a luta pela terra não é um fenômeno da atualidade, mas sim um fato que se repete em nosso país há séculos. Dicke, em algum momento de sua trajetória, soube disso intuitivamente, e, talvez por isso, tenha se retirado dos grandes centros como forma de proteger sua obra, tentando não se deixar influenciar pelas tendências presentes nas obras literárias produzidas pelos escritores dos grandes centros. Dessa forma, preservou a temática e o aspecto de sua produção literária, que dá voz a personagens que representam uma das muitas facetas que formam a identidade de nosso povo.

Alguns estudos publicados sobre os textos de Dicke mostram análises que enfatizam aspectos sociológico e filosófico, como, por exemplo, se constata no artigo de Madalena Aparecida Machado (2007). Infelizmente, o aspecto estrutural da obra dickeana acabou sendo relegado a um segundo plano, superado, talvez, pelo peso de suas ideologias e sua formação, manifestadas através da linguagem utilizada por ele.

Hilda Magalhães afirma que a literatura produzida por Dicke “[...] ilustra as relações de poder que se desenvolvem na região, que se caracterizam pela presença ostensiva e repressora do Estado e do Empresariado” (MAGALHÃES, 2001, p. 54). Essas relações de poder é que proporcionaram semelhanças entre Ricardo Guilherme Dicke e João Guimarães Rosa, conforme Machado (2007). As narrativas sobre o homem sertanejo e suas vivências fizeram com que essa relação ficasse mais estreita e, por vezes, alguns acusassem Dicke de

estar à sombra de Guimarães. No entanto, esta afirmativa comete injustiça contra os dois, pois o primeiro apenas se espelhou em um modelo difundido e canonizado pela nossa própria crítica literária, para construir a sua obra. E o segundo provavelmente não tinha intenção de servir de modelo a ninguém, apenas como todo artista, necessitava mostrar sua arte, através do que soube fazer melhor: narrar.

Considerações finais

Abordar a questão da ausência de Ricardo Guilherme Dicke no cânone literário nacional é questionar apenas uma das muitas injustiças que ocorrem em uma sociedade, onde uma elite intelectual determina o que tem valor estético ou não. São muitos os excluídos da lista canônica, mas com o avanço e a globalização das informações é só uma questão de tempo e oportunidade para que essa questão seja revista.

Antonio Candido, no artigo “Literatura e formação do homem”, afirma que “[...] um grande número de mitos, lendas e contos são etiológicos, ou seja, representam um modo figurado ou fictício de explicar o aparecimento e a razão de ser do mundo físico e da sociedade” (CANDIDO, 1972, p. 807). Parece natural considerarmos que a literatura brasileira canonizada ou não, tenha como uma de suas funções a divulgação e preservação da cultura, nossos valores, nosso jeito de ser tão peculiar que faz com que em um mundo que deseja tornar-se multicultural, estejamos por aproximadamente quatro séculos à frente dessas discussões, pois a diversidade de influências registradas na formação social, étnica e cultural de nosso povo é reafirmada nas várias facetas apresentadas na produção literária brasileira.

Referências:

UFMT outorga título de Doutor Honoris Causa a Ricardo Guilherme Dicke. Publicado em: 13 dez. 2004. Disponível <http://www.universia.com.br/html/noticia/noticia_dentrodocampus_bgjja.html>. Acesso em: 21 mar. 2009

BARBOSA, Everton Almeida. A transculturação na narrativa de Ricardo Guilherme Dicke. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso.

BRAGA, João Ximenes. Ricardo Guilherme Dicke: prisioneiro de um ostracismo cruel. Publicado em: 11 jul. 2008. Disponível em: <<http://blog.revistabula.com>>. Acesso em: 01 mai. 2009.

BLOOM, Harold. O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1896

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 806-809, set. 1972.

_____. Literatura e sociedade. 8ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

CARVALHO, Juliano Moreno de. *Do sertão ao litoral: a trajetória do escritor Ricardo Guilherme Dicke e a publicação do livro “Deus de Caim” na década de 1960*. 2005. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso.

DICKE, Ricardo Guilherme. *Deus de Caim*. Rio de Janeiro: Edinova, 1968.

_____. *Como o silêncio*. São Paulo: Clube do Livro, 1968.

_____. *Caieira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

_____. *Madona de Páramos*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.

_____. *Último Horizonte*. São Paulo: Marco Zero, 1988.

_____. *A chave do abismo*. Cuiabá: Fundação Cultural de Cuiabá, 1989.

_____. *Cerimônias do esquecimento*. Cuiabá: Editora da UFMT, 1995.

_____. *Conjunctio Oppositorum no Grande Sertão*. Cuiabá: Editora da UFMS, 1999.

_____. *Rio abaixo dos vaqueiros*. Cuiabá: Secretaria Estadual de Cultura, 2000.

_____. *O salário dos poetas*. Cuiabá: Secretaria Estadual de Cultura, 2001.

_____. *Toada do esquecido & Sinfonia Eqüestre*. Cuiabá: Catedral Publicações & Carlini e Caniato Editorial, 2006.

FERREIRA, Eduardo. A nova literatura produzida em Mato Grosso – I – Publicado em: 09 out. 2006. Disponível em <<http://www.overmundo.com.br/overblog/a-nova-literatura-produzida-em-mato-grosso-i>>. Acesso em: acesso em 14 de maio de 2009.

GAHYVA, Sabrina. Exposição retrata universo pictórico do escritor Ricardo Dicke. Publicado em: 10 nov. 2006. Disponível em: < <http://www.topcuiaba.com.br/conteu.php?sid=4&cid=1431&parent=4> >. Acesso em: 23 de maio de 2009.

KOTHE, Flávio R. *O cânone colonial: ensaio*. Brasília: Editora UnB. 1997.

MACHADO, Madalena Aparecida. *Último horizonte* no limiar de um sentido. In: XI ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC – LITERATURAS, ARTES E SABERES, 2007,

São Paulo. E-book. Artigo disponível em:
<http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/64/1437.pdf>.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato Grosso*. Cuiabá: UNICEM Publicações, 2001.

MELLO, Wanda Cecília Correa de. *De autores e autoria: um recorte da construção de campo literário em Mato Grosso*. 2006. 162 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso.

MENDONÇA, Rubens de. *História da literatura mato-grossense*. 2. ed. especial. Cáceres: UNEMAT, 2005.

MIGUEL, Gilvone Furtado. *O entre-lugar das oposições no sertão: um estudo do romance Madona dos Páramos*. 2001. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

_____. *O imaginário mato-grossense nos romances de Ricardo Guilherme Dicke*. 2007. 312 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Goiás.

PETRUCCI, Armando. Ler por ler: um futuro para a leitura. In: CHARTIER, Roger; GUGLIEMMO, Cavallo. **História da leitura no mundo ocidental**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 203-227.

SPELLER, Paulo. Discurso Doutor Honoris causa a Guilherme Dicke. Publicado em 10 dez. 2004. Disponível em: <
<http://www.ufmt.br/institucional/reitoria/palavradoreitor/101220041.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2009.